

DISCUSSÃO POLÍTICA ONLINE NO BRASIL: Ocorrência e manutenção da discordância política no Facebook ¹

ONLINE POLITICAL DISCUSSION IN BRAZIL: Occurrence and maintenance of the political disagreement on Facebook

Rodrigo Carreiro e Wilson Gomes ²

Resumo: O objetivo do artigo é analisar o Facebook como espaço de discussão política no contexto brasileiro. Mais precisamente, o trabalho busca levantar e analisar as principais características das interações argumentativas em discussões no Facebook que têm como traço marcante a discordância política. A pesquisa toma como base empírica um *corpus* formado por 70 publicações de grande alcance e envolvimento que ativaram discussões sobre temas de relevância pública no Brasil, atingindo uma marca final de 6.936 comentários analisados. Dentre as principais características que podemos apontar e discutir estão questões relacionadas à compreensão do processo de manutenção da discordância enquanto mecanismo de defesa e proteção do ambiente e a observação da centralidade dos *threads* para a concepção das características gerais que operam os desacordos.

Palavras-Chave: *Discussão política. Discordância política. Facebook.*

Abstract: *This paper aims to study Facebook as a space for political discussion on topics of public relevance in the Brazilian context. In other words, we set and investigate the main characteristics of these argumentative interactions that have political disagreement as a striking feature. In order to reach these goals, the research takes as empirical basis a corpus formed by 70 publications of wide reach and engagement that triggered discussions on topics of public relevance, reaching the final number of 6936 comments analyzed. Among the main results, we discuss issues related to the process of maintaining disagreement as a defense mechanism and protection of the environment and the observation of the centrality of the threads to the design of the general characteristics that disagreements operates.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Internet e Política do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

² Rodrigo Carreiro é Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Facom-UFBA) e pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital. rodrigocarreiro@gmail.com. / Wilson Gomes é Professor Titular da Facom-UFBA e Coordenador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital. wilsonsg@terra.com.br

Keywords: *Political discussion. Political disagreement. Facebook.*

1. Introdução

Típicos da nossa época, os sites de rede social se consolidaram no centro das relações sociais para uma parte considerável da população, mais notadamente para os jovens de até 34 anos. Se não modifica de modo substancial a política, o Facebook oferece um cardápio vasto de apropriações possíveis para ajudar cidadãos, governos e entidades a apresentar-se publicamente enquanto agentes políticos em interação contínua com quem quer que esteja interessado.

No que diz respeito às práticas sociais possíveis de serem realizadas no Facebook e vastamente observadas no cenário brasileiro, a discussão política é uma das mais marcantes. Mas, porque devemos estudar discussão política e, conseqüentemente, exposição ao desacordo de opiniões em ambientes digitais? Graham (2010), um dos autores que mais se ocuparam dessa tarefa nos últimos anos, explica que o primeiro passo é voltado à compreensão da própria natureza da democracia, que precisa que cidadãos se juntem para discutir política e, conseqüentemente, confrontarem suas ideias uns com os outros. Além disso, a discussão online é um modo rápido, ágil e concorrente com as práticas sociais da atualidade para tomar conhecimento e se informar a respeito das questões políticas da ordem do dia. As redes digitais são capazes de iniciar e manter discussões de modo nunca visto, torná-las visíveis para grande volume de indivíduos e permitir a ressignificação das opiniões dispostas publicamente.

O estudo está contido na série de esforços que procura compreender modos contemporâneos de discussão política, e direciona sua atenção para arenas digitais em que a atenção pública está concentrada e por onde é possível investigar vontades, atitudes e comportamentos políticos dos cidadãos em rede. O objetivo final é levantar as principais propriedades dessas interações argumentativas mais

empregadas para a discussão política no Facebook, no contexto brasileiro, e analisá-las tendo em perspectiva o contínuo conflito de ideias proporcionado.

Para tanto, a pesquisa leva em consideração a natureza dos recursos argumentativos e técnicos empregados pelos cidadãos, os usos das ferramentas de interação oferecidas e as formas de apresentar argumentos. A ideia é traçar um panorama geral de como os brasileiros debatem temas de relevância pública, tendo como meio informativo e espaço de socialização o Facebook. A proposta apresentada estabelece parâmetros analíticos que perpassam questões ligadas tanto à dinâmica discursiva dos debates quanto aos recursos utilizados pelos usuários para manter um debate baseado em discordância. Esses dados reunidos de forma quantitativa ajudam a formar o conjunto de resultados que respondem à principal pergunta de pesquisa: analisar as principais características das discussões no Facebook, tendo como foco o conflito de ideias que ocorre a partir do debate sobre temas de relevância social no contexto brasileiro.

2. Discussão e divergência política em tempos de *social media*

Em se tratando de discussão política, o principal desafio imposto a qualquer estudo da área reside na polissemia resultante de práticas interativas tão semelhantes e que têm objetivos muitas vezes bem parecidos. Na visão de Jackson, Schullion e Molesworth (2013), isso ocorre porque discussões, debates, conversas, falas, conversações etc. envolvem não só trocas de argumentos, mas também quadros interpretativos que ajudam a processar as informações. Junte-se a isso elementos que podem ser adicionados aos debates, como questões emotivas, pausas, histórias pessoais, recursos técnicos possíveis, dentre outros. Há de se considerar a clara distinção entre ideias concorrentes, como conversação civil e discussão política. Numa visão macro, é possível identificar conceitos diversos, como apontam Marques e Maia (2008): há aceitação de termos como *political talk*, *conversation*, *everyday political talk*, *political discussion* e *political conversation* – o

que denota, no fim das contas, o estabelecimento do que é ou não importante para a democracia, a ponto de produzir contribuições para os processos democráticos.

Alguns autores importantes para o campo da comunicação e política, a exemplo de Schudson (1997), Mansbridge (1999) e Scheufele (2000), debruçaram-se sobre o tema para tentar solucionar questões de raiz teórica e prática. A concepção de discussão política adotada neste trabalho, advinda principalmente do exame de aspectos apresentados por estes autores, pode ser definida como a troca argumentativa entre cidadãos sobre temas de relevância pública, envolvendo situações em que a discordância de ideias é aceita e fomentada. Esses debates devem tratar necessariamente de temas que concernem a todos, isto é, assuntos que impliquem qualquer indivíduo na sua condição de cidadão perante a comunidade política. Nesse contexto, a publicidade é imprescindível, uma vez que os argumentos ou falas apresentadas devem estar expostas e abertas ao escrutínio de todos os que tiverem meios para tanto. As discussões resultam da alternância de apresentação de argumentos ou falas, que podem incluir elementos comuns à socialização do indivíduo, tais como emoção, indagação, pausas, histórias pessoais, rudeza, interrupções, dentre outros recursos³.

Uma das características mais marcantes do tipo de discussão que estamos abordando é a discordância política (*political disagreement*), que cumpre papel central para a mecânica do processo discursivo sobre política. Embora opere em dinâmicas diferentes e possam resultar em ganhos ou influência negativa, o importante é que a bibliografia da área não se furta em dar à discordância a função de motor dos debates políticos públicos. Nessa linha, pode-se atribuir ao desacordo o benefício de ajudar os cidadãos a decidir o voto, auxiliar agentes políticos a decidir sobre políticas públicas, possibilitar a aferição de clima de opinião ou a identificação de posicionamentos em conflito, aumento da capacidade argumentativa, incremento de informação, dentre tantos outros aspectos (KIM, WYATT e KATZ 1999; MUTZ,

³ Outras tantas perspectivas buscam definir a discussão política e enquadrá-la em modelos teóricos que dão conta, em maior ou menor grau, de questões muito semelhantes às apresentadas até aqui, principalmente quando postas em contato com o contexto digital (CONOVER e SEARING, 2005; KIM e KIM, 2008; GRAHAM, 2008; VAN DIJK, 2012).

2002; STROMER-GALLEY e MUHLBERGER 2009; NIR, 2011; EVELAND, MOREY e HUTCHENS, 2011; BELLO, 2012).

Quando abordamos esse aspecto nos ambientes digitais, autores de diversas origens têm mobilizado questões variadas, que envolvem política, democracia e fatores tecnológicos. É o caso dos estudos mais antigos, com foco em listas de discussão e outras plataformas, como a usenet (SCHNEIDER, 1996; WIHELM, 1998). Mas há também os autores cuja preocupação consiste em encaixar as discussões num quadro proveniente da teoria da deliberação, em que debates entre cidadãos são avaliados em uma perspectiva normativa (DAHLBERG, 2001). Graham (2008), por exemplo, preocupa-se em como identificar fóruns de discussão em meio à quantidade cada vez mais crescente de espaços de conversação, enquanto Marques (2011) procura organizar métodos de análise deliberacionistas das discussões que neles se processam. Outros autores ainda, por fim, visam identificar os ganhos democráticos ou possíveis efeitos positivos da discussão (ROJAS, 2008), apostando em aspectos como conhecimento político.

A intenção desse artigo é abordar a manifestação da discordância online especificamente no Facebook. Para esse tipo de estudo, dois aspectos principais devem ser levados em consideração: formação de redes e laços fracos (BRUNDIDGE, 2010; VRAGA et al, 2015). O primeiro se refere ao fato de que O site não foi criado nem tem a pretensão de ser um espaço temático, muito menos desenvolveu suas ferramentas de interação com um objetivo único, que pudesse, de certa forma, direcionar interações a partir de uma lógica só. Pelo contrário, o Facebook sempre foi uma rede de socialização e os assuntos que circulam são ditados pelos usuários. Por isso, ao estabelecer regras particulares sobre como construir essa rede, os indivíduos não podem utilizar apenas o critério político para tal. Por ser um ambiente bem abrangente e pouco restrito se comparado a outros sites (Twitter, por exemplo), há uma espécie de “obrigação” de estabelecer amizades: familiares, colegas de trabalho, amigos de infância etc.

O outro ponto é uma consequência do anterior: as redes formadas no Facebook são baseadas em muitos laços fracos, aqueles em que as pessoas não são próximas. São ligações que realizamos porque necessitamos manter um certo nível de integração perante a todos. Essas pessoas que não são tão próximas tendem a carregar inevitavelmente algumas congruências e divergências com sua própria visão sobre os mais variados assuntos. Em um estudo sobre a formação de amizades, o pesquisador Robin Dunbar definiu que o ser humano só é capaz de manter, em média, 150 amigos⁴. Mesmo quando se trata de Facebook, afirma Dunbar, a lógica não se altera. É possível imaginar que usuários que têm 300, 400 e às vezes mais de mil amigos não conseguem tornar sua rede homogênea.

Essas duas questões levam ao fator exposição inadvertida, que é quando pessoas consomem informação dissonante sem que a tenham explicitamente procurado: “as pessoas não estão susceptíveis a utilizar as barreiras sociais enfraquecidas para propositalmente buscar a dissonância, mas tendem a se expor pelo menos a algum nível de discordância através do fenômeno da inadvertência” (BRUNDIDGE, 2010, p. 686)⁵. Isso ocorre porque, na prática, a estratégia de evitar conflito esbarra na diversidade cada vez maior de fontes e tipos de conteúdo a que os indivíduos são expostos. Além disso, há outro tipo de entrelaçamento no quadro da comunicação digital, aquele que mistura o consumo de plataformas diferentes, que faz com que indivíduos flutuem dinamicamente entre espaços políticos e não políticos, ou entre espaços digitais que promovem diferentes formas de interação. Assim, mesmo que alguém consuma informação coadunada com determinada visão política, o compartilhamento na rede social pode ser feito de forma a expor outra pessoa da rede que não concorda e, portanto, essa pessoa desencadear uma discussão com base no desacordo. É importante ressaltar que o principal ponto da tese apresentada reside no fato de que as pessoas são inevitavelmente expostas a

⁴ Para mais: <http://www.newyorker.com/science/maria-konnikova/social-media-affect-math-dunbar-number-friendships>

⁵ Tradução própria para: “people are unlikely to actively take advantage of weakened social boundaries to purposively seek out political difference, but are nevertheless likely to be exposed to at least some political difference through the phenomenon of inadvertency”.

conteúdo dissonante, e não na afirmação de que todas vão necessariamente reagir a essas informações.

No que se refere à ocorrência e manutenção da discordância política no Facebook, há pelo menos duas formas, de acordo com Miller e colegas (2015). A primeira reflete as estratégias de negociação de fronteiras que os usuários realizam diariamente, postando, curtindo e compartilhando conteúdo. Há tensão, por que essas ações são direcionadas diretamente para os amigos da rede e não se sabe ao certo quem vai ler. Preferências, intenções, opiniões e argumentos são jogados na rede em processo de autorrevelação que tende a clarificar posicionamentos políticos. Isso pode ocorrer no que os autores chamam de revelação segura (safe disclosure), que envolve limitar a discussão a aqueles que se assemelham ideologicamente. Ou pode, ainda, realizar publicações em revelações direcionadas (targeted disclosure) para aumentar o apoio e minimizar o risco de encontrar desacordos pelo caminho. Mas, na maioria dos casos, quem publica constantemente sobre política tende a fazê-lo de maneira aberta e irrestrita, aceitando que possa haver possibilidade de discordância. Alguns utilizam esses posts para tentar persuadir amigos, embora seja uma ação de maior risco.

Miller e colegas (2015) tratam também das formas responsivas de se adentrar discussões. São aquelas situações em que o usuário se depara diariamente ao consumir o conteúdo criado pelos amigos. Como já vimos exaustivamente, o Facebook proporciona exposição inadvertida a informação política, o que pode gerar as mesmas situações relatadas no parágrafo anterior: tentativa de discutir apenas com os semelhantes, escolha por manter amizade em detrimento de um possível conflito ou até mesmo se engajar na discussão a fim de persuadir o amigo. Em casos mais extremos, indivíduos podem decidir por terminar uma amizade ou interromper o recebimento de atualizações, levando em conta o conteúdo publicado e a visão política do amigo.

Essas ações têm reverberação na formação das redes. Uns as constroem de forma a lapidar ideologicamente o ambiente e deixá-lo livre de interferências e

desacordos. Outros ignoram essas ferramentas e mantêm relações do jeito que elas são, assumindo riscos e negociando constantemente esses possíveis constrangimentos. Outra parcela, no entanto, tende a provocar o conflito, assumir posições políticas bem claras e não se furtar à discussão, por mais desacordo que ela envolva. Essas espécies de tipos de usuários coexistem e revelam que cada um alimenta e constrói discussões de maneira bem peculiar.

3. Metodologia

Para o tipo de estudo que nos propomos, a bibliografia tem adotado caminhos diversos no que se refere a processos metodológicos. Há trabalhos com foco em *surveys* (NIR, 2011; GARRETT, CARNAHAN e LYNCH 2013; LEE et al, 2014), que utilizam análise de conteúdo (WOJCIESZAK 2010; VELASQUEZ 2012), análise de big data (BARBERÁ, 2014), dentre outros. A pergunta que norteia a construção da metodologia parte, inicialmente, da ideia de compreender como os cidadãos se apropriam do Facebook a fim de publicar, ler e reagir a argumentos em torno de questões políticas relevantes. Esse percurso garante que levaremos em consideração questões ligadas tanto à dinâmica discursiva dos debates quanto aos recursos utilizados pelos usuários para envolver-se em debates baseados em discordância. Ao final, pretende-se levantar e analisar as principais características de como os brasileiros debatem temas de relevância pública tendo como meio informativo e espaço de socialização o Facebook.

Mais recentemente, trabalhos têm se concentrado em aplicar metodologias de análise de conteúdo para investigar as discussões no Facebook, a partir de objetivos de pesquisa diversos (HALPERN e GIBBS, 2013; ROSSETTO, CARREIRO e REIS, 2015; GOH e PANG, 2016). Nossa intenção não é traçar linhas normativas que busquem enquadrar as discussões em algum tipo de medidor de qualidade argumentativa ou deliberativa. A preocupação é, na verdade, compreender quais são as características e como se dão as discussões de cunho político no Facebook.

Para o estudo da discordância, entender de que forma cidadãos abordam questões políticas é importante para que se tenha em perspectiva como essas abordagens se articulam. Para analisar debates políticos é preciso confrontar modos de abordagens distintos ou, se for o caso, estudar por que e como cidadãos articulam tratamentos semelhantes em determinado contexto. Discussões podem resultar em modos de interação distintos, tais como compartilhar pensamentos ideológicos e soluções políticas para questões específicas, divergir sobre soluções distintas para problemas iguais, conclamar outros participantes a se engajarem em campanhas de ativismo, discutir para motivação mútua, dentre outros.

O conjunto de procedimentos pode ser resumido em algumas etapas. A primeira consistiu na identificação do universo a ser analisado. Trata-se do estágio referente à navegação exploratória pelo Facebook com o propósito de identificar publicações (posts) capazes de suscitar grande volume de divergência. Os seguintes assuntos políticos foram utilizados para guiar a navegação: feminismo e questões de gênero, políticas públicas, direitos civis, política institucional e corrupção. O *corpus* foi fechado em 70 posts publicados por páginas e perfis políticos, rendendo um total de 6.936 comentários analisados.

A segunda etapa consistiu na organização dos dados, uma forma de prepará-los para a sequência da pesquisa. No caso em tela, foi necessário estabelecer alguns critérios para a formação da amostra final de posts. A pesquisa parte de concepções, temas de investigação e categorias num processo indutivo, a fim de guiar uma exploração inicial do objeto. As classificações encontradas na bibliografia adotam critérios diversos, pois partem de objetivos distintos, mas algumas questões tendem a convergir (HARLOW, 2011; HALPERN e GIBBS, 2013; OLIVEIRA, SARMENTO e MENDONÇA, 2014; GRÖMPING, 2014). É o caso de considerar elementos técnicos do site que propiciam interação específica (botão curtir e abertura de *thread*, por exemplo) e ter em conta o alinhamento do estudo de diversas “camadas” da argumentação – este um modo eficaz de compreender a dinâmica da discussão em sua totalidade. Durante o processo de navegação e exploração da amostra estabelecida na etapa anterior as categorias apresentadas

em trabalhos da área foram levadas em consideração. Alia-se a isso a proposta específica deste estudo, que foi posta em perspectiva a partir dessas classificações.

O quadro 1 sistematiza a proposta de categorização para análise de discussão e discordância política no Facebook, que leva em consideração aspectos concernentes ao tipo do comentário, ao teor argumentativo das mensagens e aos recursos empregados. Ressalta-se que o estabelecimento dessas categorias visa a cercar o fenômeno em suas aplicações práticas específicas no Facebook. Além disso, é um modo de alcançar o objetivo de pesquisa de encontrar e analisar as propriedades fundamentais das discussões, de modo a subsidiar a compreensão de como cidadãos articulam argumentos e promovem debates em meio a um cenário de desacordos políticos.

Quadro 1
Categorias de análise

Categoria	Descrição	Operadores relacionados
Função do comentário	Diz respeito ao papel que o comentário cumpre dentro da discussão no sentido do posicionamento diante do post original, dos interlocutores ou dos argumentos contidos na conversa	<ul style="list-style-type: none"> - <i>off-topic</i> - neutro - apoio - discordância sem ofensa - discordância com ofensa - ofensa
Forma de apresentação do comentário	Tem como objetivo definir a maneira pela qual o usuário apresenta seu comentário.	<ul style="list-style-type: none"> - declaração/afirmação - ponto de vista oposto - esclarecimento - apresentação de nova abordagem - questionamento - proposição de solução

		- chamada para ação
Recurso argumentativo	Busca compreender quais elementos são adicionados à argumentação a fim de complementar o comentário.	<ul style="list-style-type: none"> - ironia/humor - informação - história pessoal - fonte de informação - desqualificação - nenhum
Recurso técnico	Refere-se à utilização de elementos de interação ofertadas pelo Facebook.	<ul style="list-style-type: none"> - <i>meme</i> - imagem - vídeo - <i>link</i>

FONTE – elaboração própria.

No que se refere à primeira categoria, *função do comentário*, a ideia é avaliar o modo pelo qual o comentário se articula com outros e, conseqüentemente, estabelecer o seu papel dentro da dinâmica da discordância política no que se refere ao seu posicionamento primordial. A importância dessa parte é fundamental para que se possa compreender o funcionamento geral do debate, pois parte-se do pressuposto de que cada unidade postada tem uma intenção e, portanto, cumpre um papel determinado na discussão. Essas funções revelam o objetivo dialógico do comentário, seja para ponderar questões, pontos de vista ou informações, seja apenas para apoiar e fortalecer argumentos alheios, seja para atacar posicionamentos e, assim, aprofundar o debate, seja para discordar ou, simplesmente, ofender.

A segunda categoria (*forma de apresentação do comentário*) visa compreender a maneira pela qual a mensagem se apresenta. Aqui, o comentário pode tanto se referir ao post original quanto a outro comentário, ou simplesmente a nenhum dos dois. Do ponto de vista da discussão e da construção de um debate

responsivo em termos de conflito de ideias, esse é um fator importante para guiar a análise final, uma vez que considerar a opinião alheia ou responder diretamente ao assunto proposto revela que a discussão se encadeia respondendo a uma dinâmica mais interativa e seguindo tópicos organizados. Por outro lado, abordar o problema sem considerar outros comentários pode revelar, por exemplo, um modo de trazer novas informações ao debate, mas sem se arriscar a interagir com outros cidadãos. Ou, ainda, pode ser um modo de atrapalhar a conversa (se for com uma ofensa geral) ou uma forma encontrada de perpetuar campanhas de ativismo.

A terceira categoria (*recursos argumentativos*) versa sobre os recursos empregados para ajudar na argumentação, isto é, sobre os elementos que são adicionados ao comentário a fim de enriquecer o processo argumentativo. Apontar recursos é um modo de entender o argumento em profundidade, de se entender mais precisamente como o cidadão constrói a argumentação a fim de cumprir sua função dentro do ambiente em discordância. Nesse quesito, é possível analisar se comentários com mais recursos empregados rendem mais divergências ou concordâncias, ou se esse é um fator irrelevante.

Por fim, a categoria *recursos técnicos* visa a dar conta dos elementos de interação que se podem acionar dentro de uma discussão no Facebook. Como visto em diversos trabalhos da área, utilizar tais recursos é um modo de se integrar ao processo de debate em curso, além de garantir uma certa variedade de formas de apresentação de argumentos, construção de identidades e articulação entre membros. É possível compreender, também, na perspectiva do reforço, como elementos tais como links, imagens, vídeos e memes são oportunidades de encontrar em fontes externas aquilo que se quer resumir em uma mensagem. Por fim, considerar o acionamento desses recursos é uma forma de diferenciar ferramentas e práticas, uma vez que cada site de rede social proporciona maneiras distintas de interação e discussão.

Com as categorias definidas, partimos para a terceira etapa, que consistiu na leitura de todos os comentários e na análise das discussões e de seus respectivos

processos de discordância, tendo como unidade de análise os comentários. A última etapa foi o processo de codificação, com categorias já definidas a partir da etapa anterior. Junte-se a esses estágios um percurso que perpassa todas elas, a de observação qualitativa, de fundamental importância para qualquer estudo que queira descrever e analisar as características de um fenômeno (CRESWELL, 2014).

A ideia não é reunir dados para subsidiar uma análise de correlação ou de causa e efeito, nem de provar hipóteses. É importante ressaltar que a reunião dos dados quantitativos, adquiridos por meio da leitura e categorização dos comentários publicados nos 70 posts da mostra, municiam a análise qualitativa, presente na última parte do trabalho. Cada comentário foi lido e avaliado em sua dimensão única e em perspectiva com o restante do debate – seja em relação a outras mensagens, seja em interação com outros usuários. Cada comentário foi lido, avaliado e classificado em sua dimensão única (conforme categorias do quadro I) e em perspectiva com o restante do debate – seja em relação a outras mensagens, seja em interação com outros usuários. Com os dados em mãos, foi possível não só estabelecer resultados quantificáveis, mas sobretudo formar a base do que podemos chamar de panorama geral das características das discussões políticas no Facebook.

4. Resultados e discussão

Os dados obtidos, categorizados e analisados revelam diversos aspectos que podem ser estruturados separadamente, porém formam um quadro mais amplo da dinâmica da discordância no Facebook. O *corpus* final de análise ficou em 6.936 comentários, distribuídos entre os 70 posts selecionados.

Quanto à função do comentário, era esperado que a maior parte fosse classificada como discordância, uma vez que o principal critério de seleção de posts era de que ele fosse palco de um volume robusto de desacordos (gráfico 1). Os comentários que apresentaram discordâncias sem ofensa chegaram a 45,8% e,

somados aos 3,9% das discordâncias com ofensa, atingem praticamente metade do total das mensagens analisadas. Um padrão que pôde ser observado e se repete diversas vezes ao longo dos 70 posts é na gênese de *threads*. Em boa parte, elas só se estabelecem e passam a mobilizar um grande número de desacordos quando o comentário que o inicia é contrário ao post original, apresentado de forma sucinta e publicado pouco tempo após a postagem inicial⁶. Isso foi possível de ser verificado ao se analisar o tempo de vida das discussões, que varia em função de diversas variáveis, tais como assunto, número de envolvidos e promotor do debate. Nesses casos, esses threads “roubam” a discussão para si, promovendo intenso conflito de ideias interno e relegando ao restante da discussão pouco espaço de real interação entre os participantes.

Gráfico 1 – comentários e suas funções (em %)



Fonte: base de dados do autor

O *thread* como *locus* de discussão acirrada com intensa troca de mensagens em desacordo é uma das principais características que podemos apontar. Do total de comentários analisados, 51,1% foram assim publicados. O que revela que aproximadamente metade da amostra é composta por usuários interessados em

⁶ Um exemplo pode ser visto no post da página do Instituto Liberal de São Paulo, em que um *meme* brinca com a confusão que se faz com a orientação ideológica entre quem se diz de esquerda e liberal. São três longos *threads*, com grande volume de desacordo e que seguem o mesmo padrão – nesse caso, os três foram puxados por mensagens publicadas menos de 30 minutos da principal.

Link:

<https://www.facebook.com/institutoliberaldesaopaulo/photos/a.1614901325402014.1073741827.1614894922069321/2051150608443748/?type=3>

algum tipo de diálogo, de contato direto com outros e de envolvimento em alguma modalidade de atrito de ideias. Estar em um thread é aceitar se envolver em um subespaço de discussão, que está ligado ao post original, mas não há garantia alguma de que o tema das mensagens seguirá aquela lógica.

Alguém interessado em verificar argumentos sobre determinada questão política precisa, prioritariamente, acessar os threads. É lá que os recursos argumentativos são mais mobilizados, mensagens se articulam, argumentos são negociados e participantes estão a todo momento em ocasiões de tensão. Uma leitura atenta desses threads é capaz de gerar uma lista consistente de visões plurais a respeito da questão política em tela. Como já foi dito anteriormente, quanto maior o thread, maior a chance de o desacordo se perpetuar e agregar camadas diferentes de argumentos contrários e a favor.

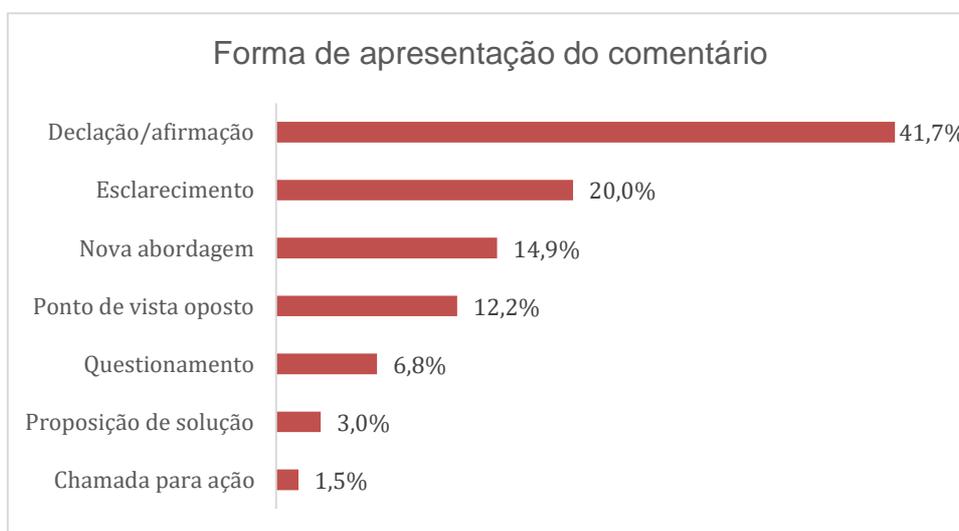
A fim de aprofundar mais neste quesito, também verificamos o índice de comentários que fazem referência direta a outro usuário. De todos os participantes que assim agem, 87% o fazem dentro de *threads*. Essa predominância tem como resultado mais palpável o fato de que os participantes a todo momento procuram o outro para manter o debate. Essa reciprocidade é tratada na bibliografia como um dos aspectos mais importantes em uma discussão, uma vez que revela a intenção em manter o debate ativo.

Para além da centralidade dos *threads* para o início da discussão no Facebook, eles também se revelam preponderantes para a manutenção do desacordo: 90% dos comentários que circulam por lá se apresentam como algum tipo de discordância. As pessoas encontram nos *threads* os espaços seguros para que o conflito se estabeleça e mobilize outras pessoas interessadas. Se a ideia é apenas expor um ponto de vista, então, o local ideal é o espaço de comentários geral do post. Quando adentra um *thread*, o indivíduo está aceitando participar de um debate “real”, ou seja, de uma discussão que melhor se encaixa numa definição de discussão política. Isso significa admitir que o *thread* é o início da possibilidade de criação de um real espaço de discussão política no Facebook. É neste local que

há troca argumentativa entre indivíduos, que lançam mão de recursos e outros elementos a fim de convencer o outro ou, simplesmente, de fazer parte do debate e demarcar uma posição contrária. O espaço é informal por essência, uma vez que responde à mesma lógica de dispersão que caracteriza o Facebook como um todo. E os temas continuam sendo de relevância pública e envolvem toda sorte de argumentos que ajudam a estabelecer um debate calcado na discordância de opiniões.

Sobre a forma de apresentação do comentário, os resultados mostram que 41,7% foram de declarações simples de posicionamentos, enquanto que 12,2% apresentaram ponto de vista oposto, 20% foi de esclarecimento, 14,9% propôs uma nova abordagem à questão em debate e 3% propôs solução ao problema (gráfico 2). Enquanto que a declaração é apenas a exposição de determinada opinião, os outros quatro somados revelam tentativas de argumentar demonstrando apoio, neutralidade ou desacordo. Esses números demonstram muitas mensagens “soltas” nos posts que tinham o objetivo de apenas expressar pessoalmente algum ponto de vista. São, geralmente, os *one timers*, que participam apenas uma vez do debate. Já a outra parte, preocupada em se envolver mais ativamente da discussão, apresentam seus comentários de maneira mais argumentativa.

Gráfico 2 – Comentários e suas formas de apresentação (em %)



Fonte: base de dados do autor

Da análise dos dados provenientes da categoria anteriormente apresentada (função do comentário) e desta agora (forma de apresentação do comentário) podemos depreender outra importante característica das discussões política no Facebook. Em comentários discordantes que acumularam grande número de curtidas, quem toma espaço na discussão são os fiscais ou a patrulha. Essa turma tenta reverter a situação de duas maneiras: adicionando comentário com mais discordância (dessa vez direcionada àquela mensagem com muitas curtidas) ou curtindo esta discordância. A ideia é “sufocar” o conflito ao mobilizar o maior número possível de pessoas. Num processo de discussão, mesmo povoado por constantes argumentos em desacordo, o apoio também tem papel fundamental para o andamento da conversa. Ele pode vir acompanhado de novos argumentos, novas camadas para ajudar outro membro e tem a possibilidade de criar laços de cooperação. Em muitos casos, a mensagem de apoio funciona para mostrar força perante a outra trincheira, que se acumula em comentários contrários. No fim das contas o debate se sustenta porque ambos os lados do conflito permanecem ativos e acrescentando mais argumentos contrários uns aos outros.

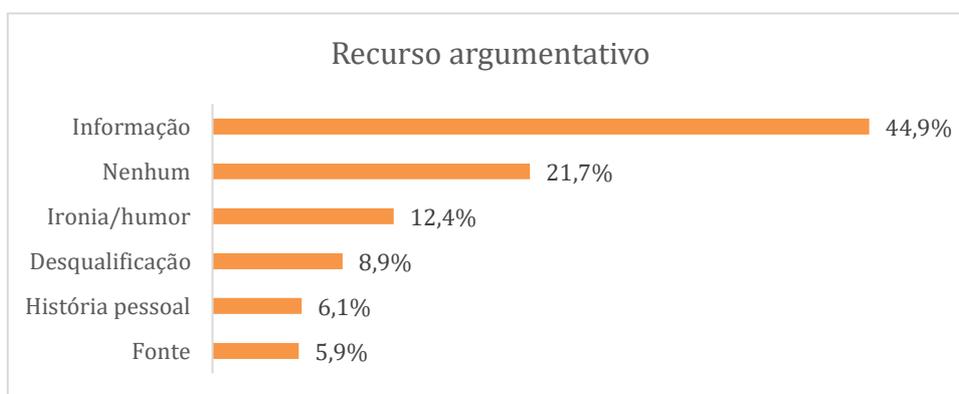
A turma da patrulha não é formada apenas por usuários isolados. Ela também pode se dissipar entre vários interlocutores, que percorrem os threads com o intuito de rebater comentários contrários ao post principal. Embora possam se repetir ao longo das discussões separadas, normalmente são pessoas diferentes e formam o contraponto em cada thread. São espécies de trincheiras, em que participantes se agregam para atacar aqueles contrários.

Esse é um dos mecanismos importantes para a compreensão das dinâmicas da discordância. O direito à fala é um aspecto de relevância para os participantes e uma certa qualificação moral e identitária é normalmente acionada a fim de cancelar a participação na discussão. Como comentários discordantes chegam de diversos cantos da rede, provenientes de pessoas que estão ali apresentando uma certa ameaça ao grupo identitário, os participantes procuram, em primeiro lugar, discutir o envolvimento de alguém que pensa diferente. Neutralizar discordância,

então, assume o sentido de proteção – assim como também foi possível observar em outros estudos da área, como Mendonça e Cal (2012). Não há intenção, pelo menos em princípio, de se considerar o argumento contrário, muito menos há o trabalho de se procurar argumentar em contra-ataque. A ideia é manter a coesão interna e cuidar para que o espaço se mantenha ativo apenas com opiniões congruentes. Esse mecanismo de defesa é uma das características marcantes que sustentam os processos de desacordo no Facebook, mesmo em páginas e perfis.

Sobre os recursos argumentativos (Gráfico 3), 44,9% apresentaram aos participantes algum tipo de informação. Enquanto isso, outros 21,7% foram de comentários sem nenhuma espécie de recurso, sem o aprofundamento argumentativo ou qualquer coisa que apoiasse sua opinião. A grande concentração de conteúdo informativo era esperada, uma vez que o mínimo que alguém pode apresentar num debate político é informação que, em graus diferentes, ajudem a cristalizar o argumento principal (HALPERN e GIBBS, 2013). Já as mensagens que não registraram qualquer tipo de recurso são aquelas que tem como objetivo apenas demarcar o território e expressar simplesmente um ponto de vista. É um apoio ou discordância exposta na forma de uma declaração. Em alguns casos, pode ativar uma longa troca de discordâncias e, em outros, tende a ser apenas uma maneira de se envolver no debate sem se expor muito.

Gráfico 3 – Percentual de cada recurso argumentativo utilizado



Fonte: base de dados do autor

Além destes recursos, 12,4% foram classificados enquanto comentários com tom de ironia ou humor. Essa espécie de mensagem é tida como comum em espaços como o Facebook, mesmo quando o assunto em pauta é política. A prática do humor revela o deboche do usuário perante o argumento alheio ou ao próprio interlocutor. Já histórias pessoais foram acionadas de maneira tímida (6,1%), revelando pouco interesse dos usuários em se expor a esse ponto. Quase com o mesmo índice, apenas 5,9% do total utilizou fontes para respaldar argumentos. O número foi considerado baixo, uma vez que a dinâmica do Facebook permite a inclusão natural de links, por exemplo. Além disso, surpreende quando verificamos que uma quantidade grande de pessoas apresentaram conteúdo informativo em suas falas, mas sem qualquer tipo de referência. Por fim, o número de mensagens que desqualificava outros foi baixo (8,9%). Isso revela uma preocupação geral em apresentar argumentos ou declarar posicionamentos. A desqualificação, natural quando o indivíduo se depara com algum conteúdo político que lhe desagrade, não se refletiu em comentários. No máximo se manifestou no ato de curtir outra mensagem em dissonância daquela considerada ruim.

A última categoria se refere ao recurso técnico empregado (Gráfico 4). O número total é muito baixo (281), representando apenas 4% de todos os comentários analisados. Embora o Facebook permita a publicação desses elementos auxiliares, os usuários pouco tiveram interesse em acioná-los. Entre aqueles que o utilizaram, link (29,9%) e imagens (29,5%) se colocaram como os principais, seguidos de memes (26,7%) e vídeo (13,9%). Os memes, tão comuns neste tipo de ambiente e com grande poder de viralização, não tiveram impacto relevante muito menos papel de importância em nenhum post analisado. A função geral de deboche e sátira ficou restrita, em sua maioria, a momentos em que a discussão já estava morta.

Gráfico 4 – Recurso técnico utilizado (a porcentagem se refere ao total de mensagens desse tipo. N=281)



Fonte: base de dados do autor

5. Conclusão

Este artigo se apresenta num momento particularmente interessante dos estudos de comunicação e política no mundo. Os pesquisadores estão diante de novos desafios que incluem uma gama extremamente variada de opções de ferramentas e dispositivos (dispositivos móveis, geolocalização, transmídia, segunda tela etc.), de ferramentas inovadoras de coleta e análise de dados (*big data* e análise de sentimento em larga escala) e cidadãos cada vez mais conectados.

O principal objetivo do trabalho advém da ideia de reajustar a pergunta recorrente da bibliografia a fim de acomodar uma forma contemporânea de se consumir e produzir conteúdo político. Sendo assim, procuramos analisar as características que emergem dos debates políticos realizados no Facebook, apresentando pelo menos duas dessas características analisadas por meio do exame da forma pela qual cidadãos lançam mão de argumentos e recursos de interação típicas do ambiente digital estudado. Levamos em consideração um elemento crucial para a compreensão do conceito de discussão política, a discordância, fator de fomenta e mantém debates no Facebook.

Uma das características que tratamos foi a ocorrência, no processo de discordância política online, do comportamento de defesa identitária de pontos de vistas ou valores. Esse resultado é marcante porque evidencia que, em diversos momentos, comentários em desacordo são postados com o intuito de proteger

aquele ambiente (página, perfil ou rede) da invasão de pessoas contrárias. A discordância se impõe para que se demonstre autoridade perante os usuários que não fazem parte daquela “rede” identitária específica, além de ser um modo de manutenção do pensamento corrente e da coesão interna. Esses são aspectos ligados à formação comunitária, mais notadamente um método “natural” de controle das opiniões que circulam pelos posts de determinada página ou perfil. O mais interessante é que esse tipo de discordância é normalmente direcionado para a pessoa e menos para o argumento apresentado. Nesses casos, a tentativa de criar redes homogêneas e de se expor de forma segura à informação política opera também como elemento reativo. É uma dimensão ainda pouco explorada do fenômeno e pode ser verificada no dia-a-dia do uso da ferramenta, principalmente em páginas com visões ideológicas mais marcantes.

O segundo aspecto que abordamos é a observação mais clara do papel central que os *threads* operam em tais ambientes de discussão. Os *threads* são os verdadeiros *locus* da exposição da divergência política, com forte conflito de ideias. Funcionam, em última instância, como ambientes especiais dentro do ambiente geral dos comentários, em que a discussão se concentra e a divergência produz atrito com maior intensidade. Alguém interessado em compreender mais profundamente as razões e argumentos de uma questão específica, por exemplo, pode acessar um *thread* que terá uma visão mais precisa do que se discute. Por outro lado, fora desses espaços, a discussão não se alonga, muito menos reúne um conjunto relevante de argumentos em discordância. Estes são, por sua vez, os “subambientes” em que mensagens são postadas à esmo e com o intuito de marcar posição, com nenhum ou pouco diálogo de relevância para o avanço da questão que se está debatendo.

Em um ambiente cada vez mais interativo, em que as ferramentas digitais medeiam diversas relações sociais, entender como as pessoas se relacionam nesse ambiente é fundamental. Aqui se pretendeu oferecer algum incremento aos campos de estudo da política online, primeiramente, e da democracia digital, em segundo lugar, ao se investigar a discussão política em um meio e em um ambiente social em

que hoje se concentra grande parte da informação política democraticamente relevante, onde se refletem e processam os grandes desacordos morais e políticos da sociedade brasileira, onde os atores-chave da esfera pública política apresentam seus pontos de vista e enfrentam os pontos de vista opostos

6. Referências

BARBERÁ, P. How social media reduces mass political polarization. Evidence from Germany, Spain, and the US. **Job Market Paper, New York University**, 2014.
BELLO, 2012

BRUNDIDGE, Jennifer. Encountering “difference” in the contemporary public sphere: The contribution of the Internet to the heterogeneity of political discussion networks. **Journal of Communication**, 60.4: 680-700. 2010.

CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**, 2014, 91359-9702. 2014.

DAHLBERG, L. Democracy via Cyberspace Mapping the Rhetorics and Practices of Three Prominent Camps. **New media & society**, 3.2: 157-177. 2001.

EVELAND, W. P.; MOREY, A. C.; HUTCHENS, M. J. Beyond deliberation: New directions for the study of informal political conversation from a communication perspective. **Journal of Communication**, 61.6: 1082-1103, 2011.

GARRETT, R. K.; CARNAHAN, D.; LYNCH, E. K. A turn toward avoidance? Selective exposure to online political information, 2004–2008. **Political Behavior**, 35.1: 113-134. 2013.

GOH, D.; PANG, N. Protesting the Singapore government: The role of collective action frames in social media mobilization. In: **Telematics and Informatics**, Volume 33, Issue 2, Pages 525–533. 2016.

GRAHAM, T. Needles in a Haystack: a new approach for identifying and assessing political talk in non-political discussion forums. In: **Jav-Host - The Public**. Vol. 15, nº 2, p 17-36. 2008
GRÖMPING, 2014.

GRAHAM, T. Talking politics online within spaces of popular culture: the case of the Big Broher Forum. In: **javahost-the public**, vol. 17, n 4. 2010.

HALPERN, D.; GIBBS, J. Social media as a catalyst for online deliberation? Exploring the affordances of Facebook and YouTube for political expression. In: **Computers in Human Behavior**, 29(3), 1159–1168. 2013.

HARLOW, S. Social media and social movements: Facebook and an online Guatemalan justice movement that moved offline. In: **New Media & Society**, 1–19. 2011.

JACKSON, D.; SCULLION, R.; MOLESWORTH, M. 'Ooh, politics. You're brave'. **Politics in everyday talk: an analysis of three 'non-political' online spaces**. 2013

KIM, J.; WYATT, R. O.; KATZ, E. News, talk, opinion, participation: The part played by conversation in deliberative democracy. In: *Political communication*, 16.4: 361-385. 1999.

LEE, J. K., CHOI, J., Kim, C., & Kim, Y. Social media, network heterogeneity, and opinion polarization. In: **Journal of communication**, 64(4), 702-722. 2014.

MANSBRIDGE, J. Everyday political talk in the deliberative system. In: MACEDO, S. (org.). **Deliberative Politics: essays on democracy and disagreement**. Oxford University Press, NY. 1999.

MARQUES, A. Aspectos teórico-metodológicos do processo comunicativo de deliberação online. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011.

MENDONÇA, R. F.; CAL, D. Quem pode falar no facebook? O "autocontrole" em um grupo sobre o plebiscito acerca da divisão do Estado do Pará. In: **Revista Debates**. Porto Alegre, v.6, n.3, p.109-128, set.-dez. 2012.

MILLER, P. R.; BOBKOWSKI, P. S.; MALINIAK, D.; RAPOPORT, R. B.; Talking Politics on Facebook: Network Centrality and Political Discussion Practices in Social Media. In: **Political Research Quarterly**, 2015, Vol. 68(2) 377–391. 2015.

MUTZ, D. C. Cross-cutting social networks: Testing democratic theory in practice. In: **American Political Science Review**, 96(01), 111-126. 2002.

NIR, L. Disagreement and opposition in social networks: Does disagreement discourage turnout? In: **Political Studies**, 59(3), 674-692. 2011.

OLIVEIRA, W. M.; SARMENTO, R.; MENDONÇA, R. F. Deliberação no YouTube? Debates em torno da questão LGBT. In: **Revista Compolítica**, n. 4, vol. 1, ed. jan-jul, 2014.

ROJAS, H. Strategy Versus Understanding : How Orientations Toward Political Conversation Influence Political Engagement. In: **Communication Research**, Volume 35 Number 4. August 2008.

ROSSETTO, G. P. N.; CARREIRO, R.; ALMADA, M. P. Twitter e comunicação política: limites e possibilidades. In: **8º Encontro da ABCP**, Gramado-RS. 2012.

SCHEUFELE, D. A. Talk or conversation? Dimensions of interpersonal discussion and their implications for participatory democracy. In: **Journalism & Mass Communication Quarterly**, 77.4: 727-743. 2000.

SCHNEIDER, S. M. Creating a Democratic Public Sphere Through Political Discussion A Case Study of Abortion Conversation on the Internet. In: **Social Science Computer Review**, 14.4: 373-393. 1996.

SCHUDSON, M. Why conversation is not the soul of democracy. In: **Critical Studies in Media Communication**, 14.4: 297-309. 1997.

STROMER-GALLEY, J.; MUHLBERGER, P. Agreement and disagreement in group deliberation: Effects on deliberation satisfaction, future engagement, and decision legitimacy. In: **Political Communication**, 26.2: 173-192. 2009.

VELASQUEZ, A. Social media and online political discussion: The effect of cues and informational cascades on participation in online political communities. In: **New media & society**, 14.8: 1286-1303. 2012.

VRAGA, E. K., et al. How individual sensitivities to disagreement shape youth political expression on Facebook. In: **Computers in Human Behavior**, 45: 281-289. 2015.

WILHELM, Anthony G. Virtual sounding boards: How deliberative is on-line political discussion? In: **Information Communication & Society**, 1.3: 313-338. 1998.

WOJCIESZAK, M. E.; MUTZ, D. C. Online groups and political discourse: Do online discussion spaces facilitate exposure to political disagreement? In: **Journal of communication**, 59.1: 40-56. 2009.